



VALORES EM JOGO: ‘JOGOS’ E ‘OLIMPÍADAS’ ESCOLARES COMO EMULAÇÃO DE VALORES

Fernanda Gonçalves Rios, Thaise Ramos Varnier, Etyelle Laurindo Ribeiro, Ana Gabriela Medeiros

Resumo: Os Jogos Olímpicos estão entre as formas de ritualização de valores da modernidade mais conhecidas. Consequentemente, influenciam as mais variadas “olimpíadas”. Este estudo objetivou compreender os valores que orientam Jogos escolares, enfatizando seus rituais de abertura na perspectiva dos professores e alunos. Uma pesquisa qualitativa foi realizada em duas escolas particulares de orientação confessional da grande Vitória. Pode ser observada a ritualização de valores ‘olímpicos’ e dos valores das próprias escolas. Concluímos que entre os alunos coexistem orientações em relação aos valores tradicionais e contemporâneos. Já na perspectiva dos professores há uma predileção por uma dimensão instrumental da competição.

Palavras chave: jogos; valores; rituais

INTRODUÇÃO

De um modo geral, as sociedades constroem formas de ritualização como um meio de celebração de sua identidade e valores. Estes, não sendo nem verdades científicas nem questão de mero gosto individual, configuram-se como “critérios que permitem julgar a realidade, em predisposições que orientam sua conduta e em normas que a pautam” (PUIG apud CAPARROZ, 2006, p. 4). Assim, segundo Durkheim (1989, p. 505), “não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de conservar e reafirmar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que constituem a sua unidade e a sua personalidade”.

Como forma de celebração de sua identidade e de seus valores, as sociedades contemporâneas constroem ritualizações. Segundo autores como DaMatta (2003), os Jogos Olímpicos (JO) podem ser compreendidos como rituais seculares de celebração da modernidade que influenciam as mais variadas competições esportivas, tais como Jogos e Olimpíadas Escolares. Ao aproximarmos de uma parte da nossa realidade profissional (o âmbito escolar) observamos a elevada quantidade de “Jogos” ou “Olimpíadas” nacionais, estaduais ou municipais. Parece bastante evidente que estes são, direta ou indiretamente, baseados no modelo olímpico e seus rituais, pois nos eventos escolares há a presença de elementos, tais como bandeiras, tochas, acendimento de pira, juramentos e hinos, dentre outros, que, bem ou mal, se fundamentam nas cerimônias olímpicas.

Se, como afirmado acima, as competições esportivas, especialmente aquelas que emulam o modelo olímpico e seus rituais, são dramatizações de valores orientadores de sociabilidade, parece ser possível delinear um quadro de tensões e irresoluções entre o caráter normativo da competição esportiva e o apregoado relativismo axiológico em que vivemos. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar os sentidos, significados e valores envolvidos na realização dos jogos (com ênfase em seus rituais de abertura) de duas escolas particulares de caráter confessional da Grande Vitória.



DIMENSÕES AXIOLÓGICAS DO ESPORTE

Antes de relacionarmos as cerimônias de abertura dos jogos escolares no sentido axiológico, torna-se importante compreender as dimensões que envolvem a conceituação de valores.

Os valores são adquiridos através dos diversos processos de socialização, sejam eles primários – as relações familiares –, e/ou secundários – as relações de vizinhança, a experiência escolar, a convivência em clubes, associações e etc. Tais relações ajudam a conformar o processo de apropriação da cultura e a formação da personalidade.

Segundo Sanmartín (1995), os valores supõem uma concepção do desejável, do preferível frente ao oposto, sendo eles apreendidos durante o processo de socialização. Assim, podemos apontar a existência de três grandes contextos que envolvem o jovem: o sociocultural, o familiar e o escolar. Dentro deste último, é perfeitamente possível identificar um campo específico de influências advindo do esporte no âmbito das aulas de educação física e das competições escolares.

Sabemos que o esporte transita por diversos valores, o que nos leva a afirmar que as oscilações acerca dos valores que norteiam a sociedade possuem estreitas relações com os valores do esporte. Neste contexto, observa-se que o esporte envolve diferentes conceitos, bem como divergências entre os autores que o conceituam. Raymond Thomas (apud STIGGER, 2005) sintetiza esse debate em duas teses concorrentes: a da *continuidade* e a da *ruptura*. A tese da *continuidade* defende que aquilo que hoje denominamos de esporte tem suas origens nos tempos mais remotos da civilização, focando a ideia de que o esporte se caracteriza pela forma como era praticado, e não pelo sentido de sua prática. De maneira oposta, outros autores afirmam que o esporte moderno surgiu no século XVIII na Inglaterra, quando diversos jogos e passatempos populares sofreram profundas transformações, a ponto de se considerar uma *ruptura* com o que existia até aquele momento nas atividades físico-competitivas.

De acordo com Rubio (2003, p. 45), “as condições que levaram o esporte moderno a se desenvolver foram bastante particulares e denunciadoras do lugar e momento histórico em que ocorreram”. Tendo como palco as diversas guerras e conflitos ocorridos no século XIX e XX, o Movimento Olímpico (MO) procurou buscar a intencionalidade de se contrapor a esta proposta através de competições esportivas como forma de promoção de ações nacionalistas e de paz. Segundo Marillier (2000, p. 59), Pierre de Coubertin – o principal ideólogo do MO – argumentava que

(...) para além da dimensão estética que lhe agradava muito, o desporto tinha ainda um valor simultaneamente físico e moral, esculpindo o corpo e dando ao homem autoconfiança. Este viu na actividade desportiva uma espécie de “religião moderna” apta a tornar a juventude mais harmoniosa, combativa e realista, de modo a permitir-lhes enfrentar com sucesso os desafios da vida quotidiana e de defender a Pátria.

Através da organização dos Jogos Olímpicos da era moderna Pierre de Coubertin almejavou internacionalizar os aspectos pedagógicos do esporte para a sociedade e seus indivíduos. A sua principal preocupação, como afirma Rubio (2003), era voltada para uma competição leal e sadia, para o culto ao corpo e para a atividade física. Uma das características poderia ser definida no mundo contemporâneo, bem como no esporte moderno, pela expressão “fair play”. Esta expressão, criada e difundida ainda no século



XIX, pode ser considerada como uma tentativa civilizadora de classificar um conjunto de comportamentos adequados para a prática esportiva, criando um equilíbrio entre os impulsos potencialmente destrutivos da competição e a necessária preservação da integridade dos praticantes e mesmo do ambiente da prática.

Tavares (apud DaCOSTA, 2007, p. 14) explica que “[...] o fair play, enquanto conjunto de valores normativos de comportamento individual e coletivo no ambiente da competição atlética, reflete a formulação de um ambiente cultural específico”. A partir desta concepção, podemos entender que as diversas mudanças que ocorrem processualmente na sociedade acompanham e contribuem para as mudanças axiológicas do esporte, pois vivemos em uma sociedade na qual os valores e normas são modificados constantemente.

Todavia, de acordo com Queirós (2004, p. 187), “as mudanças sucedem-se com tal velocidade que podemos dizer que em cada década se inaugura um século”. O pluralismo, a carência de ideologias sólidas, a debilidade das crenças, a insegurança e o relativismo axiológico, em face da rapidez das investigações científicas e tecnológicas, são algumas das razões que explicam e justificam o que alguns denominam “crise de valores”.

Hoje, o esporte é plural, assim como seus motivos, sentidos, intenções, formas e, fundamentalmente, os sujeitos que o praticam. Dessa forma, os valores das sociedades contemporâneas vão de encontro a essa pluralidade quando acentuam e valorizam o sujeito e as suas necessidades, tanto quanto os elementos à volta dos quais todo o resto gravita (BENTO apud QUEIRÓS, 2004).

Neste contexto, trabalhamos com a hipótese de que a materialização de uma educação em valores caracteriza-se por uma dissonância entre os objetivos proclamados pelos professores e os sentidos atribuídos pelos alunos, diante de um contexto de valores sociais plurais, de distinção entre os discursos e as práticas e de não-objetivação de valores educativos na prática esportiva competitiva escolar.

AS RESSIGNIFICAÇÕES DO RITUAL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

As observações das cerimônias de abertura se caracterizaram como uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, as quais foram realizadas em duas escolas particulares de caráter confessional (A e B). Em virtude de problemas operacionais¹, a escolha das escolas foi de tipo intencional, tendo por critérios a permissão de acesso e a realização de cerimônias organizadas de abertura.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram adotadas as técnicas de observação com registro em diário de campo e entrevistas de tipo guiada (RICHARDSON, 1999). A observação sistemática considerou duas dimensões básicas: o contexto e suas diversas camadas narrativas (organização dos espaços, decoração, roteiro dos eventos, elementos presentes nos rituais, músicas, coreografias, falas e discursos e etc.) e os sujeitos (participação, indumentárias, ações e interações).

Como parte da pesquisa foram feitas observações nas duas escolas, aqui serão nomeadas de escola A e B, e entrevistas com 4 alunos da escola B que participaram do evento. A escola A fica localizada em Vitória é de orientação católica, e escola B fica localizada em Vila Velha, é de orientação luterana.

¹ A maioria das escolas identificadas, para a coleta de dados, realizou suas competições escolares no segundo semestre do ano de 2009.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

A cerimônia de abertura dos Jogos da escola A ocorreu no ginásio de escola, no dia 21 de outubro, às 19:00 hs, na cidade de Vitória - ES. Já a cerimônia de abertura dos Jogos da escola B ocorreu na quadra de esportes do colégio, no dia 19 de junho, às 08:00 hs, na cidade de Vila Velha – ES.

Seguindo uma das hipóteses do estudo, ‘jogos’ e ‘olimpíadas’ escolares emulam as cerimônias olímpicas e seus valores, ao mesmo tempo em que promovem sua identidade e valores específicos. Desta forma, todos os elementos observados durante os rituais das cerimônias dos jogos escolares investigados foram comparados ao Protocolo Olímpico.

Nos Jogos da escola A, o tema escolhido pela escola era: “O esporte conduz a paz”. Todo o ambiente fora ornamentado por cartazes com dizeres que promovessem a paz e com desenhos de vários esportes produzidos pelos próprios alunos. O ginásio contava também com uma boa estrutura de som e iluminação que remetia ao efeito espetacularizante visto nos JO.

Alguns símbolos olímpicos (bandeira, anéis, tocha e juramento) se fizeram presentes e de alguma forma apareceram durante as apresentações artísticas da cerimônia. Como se sabe, os rituais se constituem por meio de diversas camadas comunicativas e não apenas de ações e/ou falas. Deste modo, as músicas sonorizadas durante evento esportivos eram temas de Jogos Olímpicos anteriores, como “Summon the Heroes” (1984), ou fortemente associadas a eles, como “Chariots of Fire”².

Já nos Jogos da escola B, o tema escolhido remetia a Copa do Mundo (No Ritmo da Copa). Os alunos e toda a equipe pedagógica desfilavam pelo evento trajados com roupas e acessórios que remetiam a Copa. Neste caso, toda a ornamentação era voltada para o tema da Copa do Mundo, e conseqüentemente, as cores verde-amarelo estavam em grandes painéis de tecido e adereços.

Embora o tema da cerimônia ter sido a Copa, os elementos típicos de uma cerimônia ‘olímpica’ estiveram presentes: a tocha, a pira, o desfile das ‘delegações’ e o juramento. Assim, podemos fazer alusão ao discurso de DaMatta (2003), ao afirmar que nos Jogos Olímpicos o nacional é englobado pelo universal (entre outras coisas pela variedade de esportes e países presentes), enquanto que na Copa do Mundo o universal é englobado pelo singular (como diz a música, “a Copa do Mundo é nossa”), uma vez que os 32 países presentes disputam e confrontam qualidades e estilos em torno de apenas um esporte. Daí se justifica a ambientação dos Jogos que tem como tema a Copa (escola B) ter sido verde e amarela, enquanto que na escola A, a ambientação não evidenciava este caráter nacional.

DaMatta (2003), faz uma comparação entre esses dois eventos, enfatizando seus rituais e dramatizações. Segundo ele, na Copa do Mundo,

(...) o país anfitrião tem poucas obrigações rituais, já que a dimensão cerimonial está totalmente englobada pela competição. Aliás, neste evento, os ritos de abertura não dramatizam a universalidade humana, mas – isso sim – o cívico-nacional. O ritual de abertura se reduz, de fato, ao hasteamento de bandeiras e ao toque do hino nacional dos países disputantes. (p. 194).

Na Copa do Mundo, o caráter de formação é conduzido ao particular, pois este é representado por um único esporte, o futebol. Não se caracteriza como uma cerimônia

² Música tema do filme Carruagens de Fogo, que tem como pano de fundo os Jogos Olímpicos de 1924.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

padronizada e ritualizada, mas como uma comparação de vários estilos de jogar um mesmo esporte. Já nos Jogos Olímpicos, o universal se sobressai ao particular, sendo representado por variados países em diversas modalidades. Ainda de acordo com DaMatta (*op. cit.*), o modo de representação universalista dos Jogos Olímpicos é caracterizado por

(...) o rito de abertura é uma parada onde os países surgem como tal, englobados pelo seu nome, suas cores e bandeiras. Já no rito de encerramento, os atletas desfilam dissociados dos seus pavilhões nacionais, formando uma multidão de individualidades, numa ênfase de representação mais do que satisfatórias (...) do universal e do igualitário. (p. 194)

Uma vez que as músicas compõem o conjunto de forças atuantes para a eficácia das ideias e das crenças, as músicas escolhidas como trilha sonora das festividades de abertura dos jogos da escola B refletiam o tema Copa do Mundo e sua associação com a nacionalidade brasileira. Além das axiomáticas “Wavin’ Flag” – tema da Copa do Mundo 2010 –, e “We are the Champions” do conjunto inglês Queen, a trilha sonora foi composta de músicas que, nos momentos das apresentações culturais, estão entre os ícones musicais da ideia de brasilidade: “A Taça do Mundo é Nossa” – tema da Copa do Mundo de 1958 –, “Aquarela do Brasil” de Ary Barroso e “Chica Chica Boom Chic” gravada por Carmen Miranda.

Quando comparadas, as trilhas sonoras das aberturas dos jogos escolares investigados reforçam a tese ‘Damattiana’ acima mencionada e a importância das metáforas e metonímias para dramatização dos rituais.

Nos Jogos da escola A, a bandeira olímpica não surge com a mesma significação dos JO, mas aparece em diferentes momentos/espacos da cerimônia, não deixando os presentes esquecerem qual era a referência central para aquele evento.

Os anéis olímpicos podem ser considerados como objetos-símbolos deste ritual (PEIRANO, 2000). Eles são retratados em três composições coreográficas e fazem parte da decoração do evento. Em uma dessas composições coreográficas, os alunos constroem com grandes faixas a imagem dos anéis olímpicos, enquanto os outros alunos se dispõem em círculo ao redor dele e posteriormente se curvam, dando uma ideia de reverência/respeito.

O interessante neste momento são as ressignificações dos valores olímpicos. Isto é, o sentido de paz/união ainda aparece como central, porém, sob outro foco: uma ideia mais global de paz, tanto para aqueles que participavam do evento quanto para os que o observavam, e não com um sentido de relações internacionais.

Já nos Jogos da escola B, as cores dos anéis olímpicos foram representadas – e entendidas por nós – por uma forma diferente. Elas surgem no ritual através das cores das camisas dos alunos que apresentam uma coreografia ao som da música tema da Copa de 2014 (Wavin’ Flag) e no desfile dos alunos-atletas. De fato, como pontuamos anteriormente, a Copa e a simbologia que construímos em torno dela dominam a abertura dos Jogos desta escola.

Outro elemento que compõe a cerimônia de abertura dos JO é a etapa final da corrida de revezamento da tocha olímpica e o acendimento da pira. Este é o momento mais aguardado pelos expectadores, uma vez que todos anseiam por saber quem terá a honra de conduzir a tocha até a pira. Atualmente, este ato acaba por reforçar a competição entre atletas, já que tradicionalmente é escolhido o atleta com maior feito esportivo do país.



Nos Jogos da escola A, este foi um momento de grande ênfase e contou com a total participação dos alunos e dos expectadores, os quais receberam uma breve explicação a cerca de sua presença. O início do ritual de acendimento da tocha se dá com uma coreografia de alunas da escola, onde representavam o acendimento do fogo olímpico pelas sacerdotisas gregas do templo de Hera³. Durante a coreografia, as alunas utilizavam um figurino característico da Grécia Antiga, e seguravam tochas. O público, por sua vez, empunhava velas acesas, sendo estas distribuídas antes da cerimônia. Quatro alunos, cada um com uma tocha e uma cor de camisa, entraram em cena e fizeram, juntos, uma corrida ao redor da quadra/palco e posteriormente se aproximaram da pira, que foi acesa por dois alunos, demonstrando a dimensão da união e cooperação do esporte.

Nos Jogos da escola B, houve também a entrada da tocha, e o acendimento da pira, porém, sem nenhuma menção explícita às suas origens olímpicas. A tocha entrou pela quadra carregada por um aluno que percorreu um pequeno percurso, ao redor da quadra até a pira, ao som de “Chariots of Fire” de Vangelis.

Este se constitui num momento profícuo para a “transvalorização” (TAMBIAH apud PEIRANO, 2000) da cerimônia escolar para a cerimônia olímpica. É principalmente nele que os alunos sentem a sensação de estar mesmo em uma ‘olimpíada’. Neste momento, como diria Marcel Mauss (1974), atos e representações tornam-se inseparáveis.

Podemos observar na cerimônia olímpica o revoar simbólico de pombos, simbolizando a “paz mundial” e a missão pacificadora dos Jogos. Na escola A, associamos este elemento à uma coreografia em suspensão (como se voasse) realizada por uma artista circense vestida de branco, enquanto uma música cantada por uma aluna, com uma veste igualmente branca, falava de paz. Vale salientar a singularidade deste momento ao demonstrar esse valor através do próprio ser humano, que se apropria de seu corpo para fazer coisas “pacíficas”. Já na cerimônia dos Jogos da escola B, este símbolo não foi representado.

Um dos momentos mais importantes da cerimônia de abertura dos JO é o desfile das delegações participantes. Sua finalidade é, reunindo o maior número de atletas possível, reforçar universalidade dos Jogos e solenizar os valores de união e igualdade entre todos os atletas. Em escala reduzida e com características diferentes, as duas escolas fizeram seus desfiles ao estilo olímpico.

Na escola A, o desfile aconteceu com os alunos-atletas sequenciados por turmas e com um tom mais festivo e/ou ‘carnavalizado’ (muitos alunos traziam consigo confetes, cornetas, serpentinas e acessórios coloridos) apesar da música tocada ter sido “Summon the Heroes” de John Willians⁴.

Na escola B, os alunos desfilaram pela quadra trajando camisas que possuíam as cinco cores dos anéis olímpicos, ao som da música “We are the Champions”. Provavelmente pelo espaço mais exíguo e pelo número menor de alunos, o caráter festivo era igualmente menor.

Como vimos, estes dois eventos emularam de alguma forma as cerimônias dos Jogos Olímpicos. Todavia, na cerimônia de abertura dos Jogos da escola B, o tema da Copa do Mundo acabou por englobar as características olímpicas tão presentes na cerimônia de abertura dos Jogos da escola A.

³ Ritual teatralizado tradicional que ocorre no sítio arqueológico de Olímpia (Grécia) e que marca o início do revezamento da tocha até a cidade-sede dos Jogos.

⁴ “Invocando os Heróis”. Esta música também foi utilizada na cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos de Atlanta-1996.



Segundo Peirano (2000), não existem rituais errados ou falsos em um sentido causal, mas rituais impróprios ou imperfeitos. Assim, estas cerimônias de abertura de Jogos escolares podem ser vistas como celebrações mais ou menos próprias dos valores do esporte e da sociedade moderna. Evidentemente, apresentam momentos distintos entre o ritual geral ou amplo (o olímpico) e o singular ou específico – a celebração de suas identidades enquanto escolas confessionais e o quadro de referências a partir do qual pretende que a prática esportiva atue educativamente. Neste caso, enquanto a escola A combinou seu próprio quadro de referências ao conjunto de valores proclamados dos JO's, a escola B tomou os Jogos a partir de uma referência do nacional e da brasilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo este parte de um estudo mais amplo, não é possível a apresentação de conclusões firmes. Porém, parece que já temos indicadores que nos possibilitam pensar na refutação da hipótese que guia o projeto. O grau de adesão, os sentimento e valores de identificação declarados parecem ser importantes, ainda que possivelmente combinados ao valor do prazer e do interesse.

No que se refere às entrevistas realizadas com os alunos, pudemos observar uma predileção pela dimensão expressiva do gosto materializada pela ideia de que a participação no evento é “interessante”. De maneira coerente a esta atitude, o que mais lhes chamou à atenção nas cerimônias são as danças e festividades. Note-se que o que observamos foram apresentações amadoras, distantes de uma qualidade artística profissional. Ainda assim, é o caráter festivo e de show o que eles declararam lhes interessar mais. Fica aparente uma distinção (que é recorrente) entre discursos/desejos de divertimento e as práticas/ações de tensão do ambiente competitivo.

De qualquer forma, o caráter ritual da cerimônia é objetivamente pouco compreendido em termos de significados, mas ele parece manter sua eficácia social situada na disseminação de valores. Desta maneira, a associação imediata dos rituais escolares aos rituais dos Jogos Olímpicos redundando também numa associação com os chamados valores olímpicos em sua generalidade formal (TAVARES, 1999), especialmente as noções de respeito e paz.

Na perspectiva dos professores, pudemos observar uma predileção por uma dimensão instrumental da competição como forma de educação e de socialização. Para os professores, há seriedade no evento, mas ela não exclui seu aspecto festivo. Neste contexto, esta seriedade é representada através de alguns símbolos constituintes do Protocolo Olímpico, especialmente, a tocha e a pira.

De acordo com os docentes, nos Jogos há a disseminação de alguns valores como competitividade, socialização, respeito, mas há também a inserção dos valores da escola, os quais consistem em ajudar o próximo, respeitar as pessoas, educação, dentre outros. Neste contexto, os entrevistados informaram que a organização dos jogos da escola B envolvem diferentes setores da escola e não apenas os professores de educação física. Assim, segundo eles, os valores da escola e dos jogos esportivos acabam por se misturar.

A dificuldade de delimitar os valores da escola e os valores da competição esportiva pode ser explicada pelo fato que, segundo Durkheim (1989), quanto mais complexas são as sociedades, mais seus valores necessitam ser amplos e genéricos, de modo a permitir que a maior parcela da sociedade se identifique com ele.



Porém, em ambos os eventos, a abertura se inicia com a marca específica da religião que orienta a escola. Isto é importante ao ponto que identifica e demarca seu contexto cultural (sua cosmologia no dizer da antropologia). Os Jogos Olímpicos tem caráter secular, mas sua emulação nestes eventos deve estar condicionada ao caráter religioso das escolas e seus valores orientadores de fundo.

REFERÊNCIAS

CAPARROZ, D. A. de S. Educação Física Escolar: Educar em Valores. In: CONGRESSO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE DO ESPÍRITO SANTO, 3., 2006, Linhares, ES. **Anais...** Linhares: Unilinhaires, 2006. 1 CD-ROM.

DaCOSTA, Lamartine p. **Olympic Studies: Current Intellectual Crossroads**. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2000.

DaCOSTA, Lamartine et al. **Manual Valores do Esporte-SESI: Fundamentos**. Brasília: SESI/DN, 2007.

DaMATTA, Roberto. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil. **Antropolítica**. n. 14, pp. 17-40, 2003.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

MARILLIER, Bernard. **Jogos Olímpicos**. Lisboa: Hugin, 2000.

PARRY, Jim. Physical Education as Olympic Education. **European Physical Education Review**. 1998; 4: 153-167.

QUEIRÓS, Paula. Para um Novo Enquadramento Axiológico na Participação de Crianças e Jovens no Desporto. In: GAYA, A. ; MARQUES, A. ; TANI, G. (Orgs.) **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. p. 187-198.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa Social**. Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RUBIO, Katia. **Medalhistas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SANMARTÍN, Melchor G. **Valores sociales y deporte: la actividad física y el deporte como transmisores de valores sociales y personales**. Madrid: Gymnos, 1995.

STIGGER, Marco P. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

TAVARES, Otávio. Fundamentos Teóricos para o Conceito de Olimpismo. In: TAVARES, Otávio; DaCOSTA, Lamartine P. **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 1999, p. 33-51.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

TAVARES, O. Valores Olímpicos no Século XXI. In: RUBIO, K. et al. **Ética e compromisso social nos estudos olímpicos**. Porto Alegre: Ed. da PUC-RS, 2007. p. 181-202.

Thaise Ramos Varnier: Rua Vinte e Seis, nº 31, CEP: 29105-164, Vila Nova, Vila Velha – ES // thaise_161@hotmail.com // <http://lattes.cnpq.br/6282277589241986>

Fernanda Gonçalves Rios: Rua Dimar Gomes; nº17; CEP: 29025-470; Santo Antônio – Vitória- E.S // fernandag_rios@yahoo.com.br // <http://lattes.cnpq.br/6091857090110126>

Etyelle Laurindo Ribeiro: Avenida Santa Leopoldina, 2326, Coqueiral de Itaparica, Vila Velha, Espírito Santo. CEP: 29102-040 // ety.ribeiro@hotmail.com // <http://lattes.cnpq.br/3009352002372954>

Ana Gabriela Alves Medeiros: Rua Manoel S. de Souza, nº 216, Santa Martha. Vitória-ES. Cep: 29046-610 // gabimedeiros@gmail.com // <http://lattes.cnpq.br/5239398886201396>

(Data Show)